



A DOENÇA DAS BEXIGAS EM ESCRAVOS NA AMÉRICA PORTUGUESA: RECOMENDAÇÕES SOBRE A VARÍOLA EM SANTOS, SÃO PAULO¹

Bruna Carolina Krauspenhar (apresentadora)²

Iury Fanfa³

Michely Cristina Ribeiro⁴

Samira Peruchi Moretto⁵

Resumo: As doenças fazem parte da história da humanidade, muitas vezes ligadas ao contato humano com os animais que as transmitem e, portanto, é possível observar que ao longo do tempo houve uma forte observação dos doentes, para definir se as doenças seriam contagiosas ou não. O presente trabalho busca analisar as recomendações e práticas de cura relacionadas à disseminação do vírus da varíola na população africana escravizada no Brasil colonial, do fim do século XVIII ao início do XIX. A principal fonte histórica utilizada foi um ofício de 1805 informando os cuidados que deveriam ser empregados com os africanos escravizados para não transmitirem a chamada bexiga. As recomendações contidas no ofício advêm do médico do presídio em Santos, São Paulo. O documento contendo o desenho de um braço com uma erupção da varíola (sem datação), desenhado por Francisco Freire Alemão (1797-1874), que teve familiares acometidos pela doença, foi utilizado também. Além disso, foram analisadas as memórias de Oliveira Mendes, lidas na Real Academia das Ciências de Lisboa em 1793, mas publicada somente em 1812, bem como o *Tratado único das bexigas e sarampos* de Romão Mosia Reinhipo (pseudônimo de Simão Pinheiro Mourão), médico português estabelecido em Pernambuco em 1671. O vírus teve um grande nível de alcance, atingindo os núcleos urbanos e os sertões. A sua difusão no Brasil é um tema bastante debatido. Sabe-se que houve uma propagação na Bahia em 1562, vinda de um navio português, porém, estudos da década de 1980 apontaram a chegada mais numerosa de escravos como o fator originário das pestes de varíola no Brasil.

¹ Pesquisa realizada durante o componente curricular de História Ambiental, curso de Licenciatura em História.

² Graduanda em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, contato: brunakrauspenhar98@gmail.com

³ Graduando em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, contato: iuuury@gmail.com

⁴ Graduanda em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, contato: michelyribeiro@hotmail.com

⁵ Professora do curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, contato: samira.moretto@uffs.edu.br



Considerando que na África a varíola é endêmica, as epidemias espalhavam-se entre a tripulação nos navios e eram observadas frequentemente nos africanos recém-chegados aos portos. A análise das fontes permite observar o quanto as doenças que atingiam os escravos impactavam este tipo de comércio. Os médicos não apenas buscavam curas para as doenças que afetavam os escravos visando não prejudicar o lucrativo comércio de escravos, mas participavam também das escolhas nos portos africanos, observando sintomas de doenças, qualidades e defeitos físicos. As recomendações consistem sempre em esperar o período de oito dias para verificar sinais de doença. Quando há sinais, o médico indica que os infectados devem ser separados da população em quarentena. Há a criação desses protocolos para evitar novos contágios, o que mostra o grau de disseminação da doença e o medo que ela causava, possivelmente por seus sintomas. Apesar disso, em resposta às recomendações do médico, há a preocupação sobre os custos dos passos sugeridos para tratar os novos escravos chegados, questionando se não seriam muito onerosos, pois mesmo os que não apresentavam sinal de contágio deveriam ser observados e isolados por um período. Considerando o alto custo dos escravos africanos e pensando em uma sociedade fluida, não limitada apenas a engenhos, mas também contendo pequenas propriedades, o contágio de um escravo era muito significativo, pois perdê-lo causaria grandes prejuízos e praticar as recomendações de quarentena mesmo com os escravos sem sintomas da doença era inconcebível.

Palavras-chave: História Ambiental. Varíola. Bexigas.

Categoria: UFFS - Pesquisa

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Formato: Comunicação Oral